

## **Notas críticas sobre a pesquisa em Terreiros de Umbandas do interior do Ceará**

### **Critical notes on research in Umbanda terreiros in rural Ceará**

**Marcos Andrade Alves dos Santos**  
Universidade Federal do Ceará-UFC  
Itapioca-Brasil

**Resumo:** Este artigo propõe algumas reflexões sobre a necessidade de cuidados éticos que guiem a conduta do/a pesquisador/a na pesquisa de campo em Terreiros de Umbandas no interior do Ceará. Proponho algumas observações críticas que podem orientar o trabalho de campo de um/a pesquisador/a não local que deseja se enveredar no terreno das pesquisas sobre religiosidades de matriz afro-ameríndias, a partir de experiências de imersão em terreiros localizados no interior cearense. Utilizo a experiência recente com Mãe Maria Toinha como cenário para refletir sobre terreiros, sobre gira e sobre a relação entre pesquisador/pesquisado no campo.

**Palavras-chave:** Terreiro; Pesquisa; Campo; Ética.

**Abstract:** This article proposes some reflections on the need for ethical care that guides the conduct of the researcher in field research in Terreiros de Umbandas in the interior of Ceará. I propose some critical observations that can guide the fieldwork of a non-local researcher who wishes to embark on the field of research on Afro-Amerindian religiosities, based on experiences of immersion in terreiros located in the interior of Ceará. I use the recent experience with Mãe Maria Toinha as a scenario to reflect on terreiros, on gira and on the relationship between researcher/researched in the field.

**Keywords:** Terreiro; Search; Research field; ethic.

## **Palavras introdutórias ou como recebemos em nosso Terreiro um pesquisador disfarçado de amigo**

Recentemente recebi com Mãe<sup>16</sup> Maria Toinha a visita de um homem branco em nossa casa e no Terreiro de Umbanda que frequentamos há mais de 20 anos no interior do Ceará.

Desde que se tornou amplamente conhecida no Brasil como Mãe de Santo das Umbandas cearenses a partir da publicação de seu livro *A Mística dos Encantados*<sup>17</sup> (2020), Mestra Maria Toinha tem recebido solicitações de contatos que partem de diferentes estados do país. Esses contatos muitas vezes procedem de pessoas interessadas em dialogar com seu trabalho narrativo ou que desejam conhecer mais profundamente a Mãe de Santo cearense. Repetidas vezes, tais interações resultaram em encontros em sua casa no município de Trairi, Ceará, ou em chamadas de vídeo nas quais Mãe Maria Toinha costura memórias e alarga o espaço para contar suas narrativas de Terreiro.

Portanto, recepcionamos esse sujeito que partiu da região Sudeste nos fazendo acreditar que realizava uma viagem desinteressada de propósitos acadêmicos e que sua única intenção consistia em constituir uma amizade conosco, em especial com Mãe Maria Toinha com quem ele parecia querer adentrar nos mundos encantados das Umbandas do interior cearense. Mãe Maria Toinha o aceitou em sua casa e abriu o seu terreiro de histórias sobre aquilo que vivenciou ao longo de mais de 70 anos nas Umbandas cearenses.

Porém, nos sentimos enganados por esse sujeito ao perceber que este dissimulou suas intenções de realizar uma pesquisa acadêmica sem pedir autorização quando no contato iniciado conosco no território cearense. Após a visita a nosso Terreiro, o indivíduo retornou à pousada e assumiu outra postura, afirmando que estava em uma viagem de pesquisa, encerrando imediatamente a comunicação conosco. Sua atitude posterior consistiu em publicar textos em suas redes sociais, Instagram e Facebook, censurando Mãe Maria Toinha, a mim e todos os que o receberam em nossa casa.

Em seus textos, o sujeito alegou aborrecimento com a inadequação de nossos comportamentos, atitudes e a fruição de nossas experiências religiosas no Terreiro de

---

<sup>16</sup> Neste texto utilizarei simultaneamente as palavras Mãe de Santo e Mestra para me referir a Maria Toinha. Mestra/e é uma categoria nativa acessada por Mãe Maria Toinha para se referir aos sacerdotes com posição de autoridade no Terreiro, geralmente os que possuem ampla experiência/saber e assumem a posição de formação de outros/as médiuns no Terreiro, sendo por eles chamados de Pai/Mãe de Santo ou Mestre. A categoria Mestre também é utilizada por Mestra Maria Toinha ser utilizada para se remeter aos Encantados, a depender da circunstância de interação com as entidades, como explica em seu livro *A Mística dos Encantados* (2020).

<sup>17</sup> No livro *A Mística dos Encantados*, Mãe Maria Toinha narra suas experiências iniciáticas nos terreiros de Umbanda do interior cearense, apresentando com uma riqueza de detalhes os processos de “aflição” (GONDIN, 2010, p. 24) que marcaram sua trajetória como mãe de santo e como retirante da seca de 1958 no Ceará. Essa narrativa foi construída a partir do encontro com o neto, Marcos Andrade, que organizou as narrativas da mãe de santo e as reuniu na publicação impressa do livro através do Projeto Literário *A Mística dos Encantados*.

Umbanda que frequentamos há mais de 20 anos. O pesquisador, mesmo tendo passado apenas alguns dias conosco e ido somente uma única vez ao nosso Terreiro, formulou proposições a respeito do trabalho narrativo empreendido por Mãe Maria Toinha, sugerindo que este falsifica, “passados, indivíduos e territórios”. Os textos nos surpreenderam, afetando de modo particular a Mãe Maria Toinha, que se perguntou o que havia feito para merecer tais reprovações de um amigo que recebeu com esmero em sua casa.

Causou perturbação o fato de a Mãe de Santo ter aberto a intimidade do Terreiro ao qual frequenta e contado histórias que não são escritas nem mesmo nos livros publicados pelo Projeto Literário A Mística dos Encantados<sup>18</sup>. A Mestra de 86 anos, no entanto, não foi procurada por este homem após a publicação dos textos, de modo que não se pôde esclarecer as razões por trás dos escritos divulgados por ele, agora posicionado por si mesmo como pesquisador.

Cabe esclarecer que durante os dias anteriores a visita ao Terreiro, o pesquisador se recusava tirar fotos conosco e chegou a nos pedir para não publicar nas redes sociais registros de imagens em que aparecesse. Ele argumentou que estava em uma viagem clandestina para seus colegas de trabalho e que não gostaria de ser identificado por quaisquer imagens no Ceará.

Todos esses cuidados daquele que recebíamos como amigo – mas que se apresentou em seus textos posteriores a visita como pesquisador/professor universitário – nos levaram a acreditar que ele parecia não ter o menor interesse em publicar textos a respeito de sua estadia em nossa casa e Terreiro. Portanto, causou perplexidade quando o pesquisador afirmou está realizando uma viagem de pesquisa em nossas terras, utilizando as vivências conosco para construir reflexões acadêmicas sobre as Umbandas cearenses, nossos passados, nossa gente, nossas histórias e nosso território.

Nos surpreendemos ainda mais com os ataques a postura de Mãe Maria Toinha no Terreiro, sendo descrita pejorativamente como “vaidosa” em texto publicado pelo pesquisador. De fato, outros textos ainda mais incômodos foram publicados sem nossa autorização prévia nas redes sociais do pesquisador. Em todos eles, o professor universitário

---

<sup>18</sup> O Projeto Literário A Mística dos Encantados consiste em uma iniciativa coordenada por Mãe Maria Toinha e Marcos Andrade, em parceria a Editora Edições e Publicações, no município de Trairi/CE. Através do referido projeto foram publicados os livros A Mística dos Encantados (2020), Caminhos Encantados (2021) e Lavagem Encantada (2022). Outros três livros estão em vias de publicação. O projeto literário registra as memórias e experiências de Mãe Maria Toinha nas Umbandas Cearenses, publicando relatos orais em livros, revistas, antologias literárias, sites e blogs. Maiores informações a respeito do projeto podem ser encontradas no site [www.amisticadosencantados.com.br](http://www.amisticadosencantados.com.br)

fazia referências depreciativas implícitas ou explícitas a Mãe Maria Toinha ou ao trabalho narrativo realizado no Projeto Literário A Mística dos Encantados.

Esses textos desprezaram o pedido de Mãe Maria Toinha e meu para que o pesquisador não mais publicasse textos a nosso respeito ou de nosso trabalho, uma vez que não havia esclarecido previamente suas intenções de pesquisa no início da viagem. Outro fator importante em nossa recusa aos textos foi a insistência do professor universitário em depreciar em suas reflexões, supostamente acadêmicas, o teor das narrativas construídas por Mãe Maria Toinha e por mim nos livros *A Mística dos Encantados* (2020), *Caminhos Encantados* (2021) e *Lavagem Encantada* (2021).

Cabe ressaltar que esse mesmo sujeito teve acesso a horas de gravação realizadas por mim com Mãe Maria Toinha. Essas gravações são meu material de pesquisa e deram origem aos livros publicados. Além disso, o pesquisador teve acesso aos manuscritos dos livros *Lavagem Encantada* e *Caminhos Encantados*, antes da publicação final pela Editora.

Todavia, os textos que o professor universitário publicou desprezam que nossas narrativas e nosso pensamento são “enterreirados” (NASCIMENTO, 2021) nas experiências de Terreiro que vivenciamos no interior do Ceará, especialmente a partir das caminhadas de Mãe Maria Toinha nas Umbandas do Litoral Oeste do estado e nos Vales do Curu e Aracatiaçu desde os anos de 1952.

Isto implica que nossas conversas, caminhadas, histórias, trabalhos de Umbandas, místicas, sonhos são construídas a partir desses lugares, temporalidades, corpos, encantamentos e ancestralidades. Essas propostas estão fundamentadas nas experiências de Terreiro narradas por Mãe Maria Toinha nos livros que publicamos, as quais jamais assumiram o compromisso de estabelecer o critério único sobre o que deveriam ser as Umbandas no Brasil. Isso significa que as narrativas de Mãe Maria Toinha jamais se propuseram como narrativa única sobre as Umbandas Cearenses ou sobre quaisquer outras. Na verdade, o relato da Mestra é um entre tantos outros possíveis sobre as Umbandas.

Qualquer pesquisador que não possui uma vivência aprofundada nas Umbandas Cearenses do interior do estado, que não reconhece os fundamentos narrativos de Mãe Maria Toinha, que não procura lhe ouvir com respeito, e que possui uma vivência religiosa diferente, deve ter muito cuidado ao construir reflexões acadêmicas, sob o risco de cometer violências com uma Mãe de Santo com mais de 70 anos de vivência nas Umbandas do interior do Ceará.

Como pesquisadores de/no terreiro – sobretudo se for um iniciado – devemos ter comprometimento ético com as pessoas com as quais convivemos na pesquisa e com aquilo que escrevemos sobre elas, evitando ao máximo a armadilha de desqualificar a palavra nativa (FAVRET-SAADA, 2005).

Preocupo-me como pesquisador nas ciências sociais com as coisas que escrevo e com as coisas que vivo antes de escrever, principalmente quando fazem parte do trabalho de campo. Meu objetivo quando trabalho como escritor e pesquisador não é ofender as pessoas, mas trazer um certo encantamento para o mundo. Tentei articular essa ideia durante toda a costura do livro *A Mística dos Encantados* (2020), do qual tive a honra de participar ao lado e com o consentimento irrestrito de Mãe Maria Toinha e de seus companheiros Encantados. No posfácio que escrevi para o livro resgatei essa posição crítica em busca do “encantamento ancestral” (MACHADO, 2022) como potência criativa que pudesse orientar nossa experiência humana e, principalmente, nosso cuidado com o Outro nas relações que construímos.

### **Meu lugar no Terreiro e no coração de Mãe Maria Toinha**

Sinto que preciso resgatar um pouco de minha história para permitir que o leitor conheça meus caminhos antes de entender por que decidi escrever esse texto como uma espécie de convite a uma conversa com aquele pesquisador que decidiu deliberadamente ficar longe e nos ofender em seus textos.

Estou vivendo na mística dos Terreiros de Umbandas no interior do Ceará desde o momento que cheguei a este mundo no dia 29 de dezembro de 1996 e fui cuidado pelos braços/encantamentos de Mãe Maria Toinha. Essa Mestra é uma mulher negra e pobre, a quem tive a honra de encontrar nessa existência como minha avó, minha mãe, minha amiga, minha Mãe de Santo e minha companheira de trabalho na escrita literária e autobiográfica. Já faz quase 27 anos que abri os olhos neste mundo e contemplei o novo descomeço de minha existência em condições de pobreza, desrealização, invisibilidade ao lado de minhas irmãs e de Mãe Maria Toinha.

Sobrevivemos aos dias mais difíceis vivendo no Povoado Campo, distrito Canaan, no município de Trairi, interior do Ceará. Sem a pretensão de culpar as pessoas que nos ofenderam, seguimos nossos caminhos nutrindo as forças encantadas que nos amparavam nos momentos mais desalentadores. Vencemos a fome, o desamparo, a impossibilidade de viajar, de estudar, de viver com dignidade. O caminhar não foi fácil, mas cheguei ao doutorado com a missão de estudar os caminhos sagrados de Mãe Maria Toinha e dos outros seres desimportantes que nos chegam através de sua narrativa.

Jamais perdi a doçura, o respeito e a sobriedade para encarar as oportunidades que foram abertas a partir do caminhar de Mãe Maria Toinha, do meu próprio caminhar e da caminhada dos Encantados e Encantadas que cultuamos nas Umbandas cearenses.

Tenho agido com afeição pelas pessoas e pelos acontecimentos e sofrido muito quando alguém se levanta para nos dizer coisas violentas ou para pôr em dúvida nosso caráter e nosso

trabalho narrativo. Esse sofrimento às vezes é compartilhado com outras pessoas que se aproximaram no percurso, outras vezes, é vivido somente no interior das relações mais íntimas em nossa casa.

Quando o sagrado de Mãe Maria Toinha veio a público através dos livros *A Mística dos Encantados* (2021) e *Caminhos Encantados* (2021) procurei confiar nas pessoas que chegavam curiosas sobre essa mulher e sobre o que fazíamos nas Umbandas em Canaan. Abri as portas de nossa casa, pedi que Mãe Maria Toinha participasse das interações virtuais<sup>19</sup> e deixamos que as pessoas curiosas se aproximassem, demonstrando confiança e afeição pelo contato. Mãe Maria Toinha jamais recusou receber um pesquisador, jamais se recusou a falar ao público e sempre agiu com doçura e delicadeza com as pessoas curiosas.

Tudo isso ocorreu e experimentamos dissabores com certas aproximações, como quando fui repreendido em público por nosso trabalho compartilhar as Doutrinas<sup>20</sup> dos Encantados, ainda que eu já tivesse explicado em diversas ocasiões que os livros só foram publicados depois de minha visita a um Terreiro de Umbandas nas Dunas de Mundaú.

Naquela ocasião, um Encantado<sup>21</sup> me disse: “o que você quer fazer, faça. Você vai ver acontecer muito mais do que espera”. A pergunta que me movia era se eu realmente deveria levar adiante o trabalho de publicação do livro *A Mística dos Encantados* (2020). A fala de seu Negro Chico Feiticeiro<sup>22</sup> me autorizava a fazer, assim, como antes tinha feito Mãe Maria Toinha que ao compartilhar as narrativas, as doutrinas, os sonhos, as fabulações. Mãe Maria Toinha é minha principal interlocutora para pensar os terreiros de Umbandas no Ceará em minha tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC).

Ela não é uma figura conservadora, apesar de seus 86 anos de idade. Aliás, foi o Professor Rafael Haddock-Lobo quem comentou certa vez, em uma aula pública no curso de

---

<sup>19</sup> Mãe Maria Toinha participou de diversos eventos virtuais ao longo de 2020, 2021 e 2022, em Universidades Estaduais, Federais e Escolas de ensino básico de diferentes estados do Brasil. Entre esses eventos, destaco a aula ministrada por ela em novembro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGBIOS/UFRJ, a convite do Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo.

<sup>20</sup> Mestra Maria Toinha se refere aos pontos de umbanda cantados pelos Encantados como Doutrinas. Ela chama a atenção para o caráter de fundamento que tais pontos possuem nas umbandas que experiencia, de modo que a Doutrina consiste em um fundamento que baliza a compreensão do Terreiro e do trabalho que se realiza.

<sup>21</sup> Mestra Maria Toinha recorreu à sua própria definição de Encantado no livro *A Mística dos Encantados* (2020). No glossário disponível no livro, ela escreveu o seguinte “Encantados são entidades que se encantaram por alguma razão mística e desconhecida. Por causa desse pertencimento à magia antiga e profunda retornam a terra em sua própria forma ou assumindo o corpo dos médiuns para realizar trabalhos, curas ou encantamentos. Podem ser chamados de Cabocos, Cavaleiros, Curadores, Mensageiros, Mestres (TOINHA; ANDRADE, 2020, p. 193). Ainda assim, lembramos a observação de Martins e Bairrão (2011), o termo “encantado” – comumente utilizado em diferentes circunstâncias e com propósitos muito diferentes no cultos afro-religiosos – possui uma plasticidade, o que implica que o termo “encantado” não se constitui como uma referência única e exclusiva, podendo assim ser utilizado em outras semânticas e experiências religiosas com propósitos distintos.

<sup>22</sup> Negro Chico Feiticeiro é uma entidade encantada presente nos cultos de Umbandas nos interiores cearenses.

Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que lhe impressionava o fato de Mãe Maria Toinha não ser conservadora como poderia supor alguém que não lhe conhecia, principalmente, se essa pessoa também desconhecia as singularidades das Umbandas do interior cearense.

Na ocasião da aula aberta, sob o título *A Mística dos Encantados de Maria Toinha*, por Marcos Andrade, conversamos sobre alguns aspectos do trabalho da Mãe de Santo e sonhamos com as aberturas filosóficas que esse trabalho pode trazer para nossos pensamentos.

Estas coisas são importantes antes de que o leitor possa adentrar a seção seguinte, pois o que escrevo não é apenas minha posição, mas uma posição crítica que assumo com Mãe Maria Toinha a respeito da pesquisa em Terreiros de Umbandas nos interiores cearenses.

### **A pesquisa em contextos alheios: o Terreiro que não é o seu**

Escrevi esse texto para manifestar minha preocupação com certos comportamentos de pesquisa que emergem de contatos entre pessoas que desejam investigar as dinâmicas e relações nos/dos Terreiros de Umbandas no interior do Ceará e as pessoas que vivem nesse Terreiro, muitas vezes por toda uma vida.

Em primeiro lugar, me causa extrema preocupação que as intenções de alguns pesquisadores não estejam, suficientemente, claras para os sujeitos e as relações que desejam pesquisar no instante em que iniciam o contato da pesquisa. Frequentemente, umbandistas abrem as portas dos Terreiros no interior do Ceará sem que estejam previamente informados que aquela experiência constitui o campo de pesquisa da pessoa que pediu para conhecer o espaço e participar de suas atividades religiosas.

Esse desconhecimento por parte de sacerdotes e iniciados pode expô-los a situações perturbadoras, sobretudo, quando descobrem as verdadeiras intenções dos pesquisadores por vias não convencionais do que seriam em uma pesquisa eticamente conduzida. Nestas circunstâncias, os sujeitos não têm mais como retornar aos acontecimentos para decidir se queriam ou não que uma pessoa estranha participasse de seus rituais com o objetivo de extrair conclusões acadêmicas.

Ocorre que cada vez mais os Povos de Terreiro se preocupam com o que será escrito, o que será publicado, o que será entregue ao escrutínio público sem que antes tivessem tido a chance de decidir abrir sua intimidade para uma pesquisa.

Essa preocupação interessa a Sacerdotes e iniciados nas Umbandas do Ceará, principalmente em função de ser crescente a participação da comunidade religiosa não apenas como “objeto de pesquisa”, mas também como pesquisadoras e pesquisadores dos Terreiros que habitam (BARROS; GOMES, 2014).

A legitimidade dessa preocupação também está ancorada na premissa ética de que a pesquisa em Ciências Sociais no Brasil requer procedimentos anteriores à sua realização, o que regularmente inclui cuidados com o consentimento dos pesquisados (SILVA; LIONÇO, 2018). Não existe pesquisa séria em Ciências Sociais sem consentimento dos participantes. Não é ético realizar uma pesquisa sem que os pesquisados estejam preliminarmente cientes de que o que fazem e o que dizem pode ser tornar material de publicação.

Silva e Lionço (2018) refletem que para além das exigências formais de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é indispensável que outros cuidados éticos sejam levados em consideração na negociação que precede a relação entre pesquisadores/pesquisados. Esses cuidados devem ser dimensionados em cada caso, procurando reforçar a preocupação recorrente em proteger os envolvidos na pesquisa.

Desta forma, Silva e Lionço (2018) observam que as variáveis que equacionam as relações no âmbito de uma pesquisa podem se diversificar a depender dos casos, portanto devem ser contextualizadas, partem de situações concretas, e respeitem as limitações impostas pelas populações investigadas.

Na situação que resultou em uma pesquisa não autorizada com Mãe Maria Toinha, como foi previamente relatado na introdução deste artigo, soma-se o fato de o pesquisador uma vez recebido ter desaparecido completamente desde a ocasião de seu afastamento e retorno para sua cidade, de modo que passamos a receber informações sobre aquela pessoa apenas por meio das redes sociais. As plataformas digitais se tornaram o meio através da qual o pesquisador veiculou suas impressões sobre a viagem, sobre Mãe Maria Toinha, e onde, finalmente, revelou que estava em uma viagem de pesquisa.

Esse fato ocorrido com Mãe Maria Toinha, comigo e com nossa comunidade, causou mal-estar devido, principalmente, ao fato de não estarmos prevenidos de que esse sujeito realizava uma viagem de pesquisa e que tomaria a experiência em nosso Terreiro como campo de análise.

Após a visita do pesquisador, que inicialmente se comportou como se fosse nosso amigo, passamos a receber notícias de seus textos, com os quais efetivamente nos sentimos ofendidos. Solicitamos imediatamente a remoção dos textos das redes sociais, porém não obtivemos uma resposta.

Essas comunicações realizadas pelo pesquisador sem a nossa percepção prévia como sujeitos pesquisados produziram preocupações diversas. Como sujeitos que inspiraram reflexões acadêmicas nos questionamos a respeito do comportamento do “explorador”: o que nós fizemos para merecermos desprezo dessa pessoa que acolhemos? Estávamos cientes de que sua visita se tratava de uma pesquisa de campo sobre nossas religiosidades? Em que



momento fomos comunicados da pesquisa? O que fizemos enquanto estávamos com ele pode ser publicado sem nosso consentimento? O que fizemos será publicado mesmo diante de nossa recusa? Realmente queremos que o que experienciamos com esse sujeito seja publicado?

Nos sentimos perturbados diante da possibilidade de nossas singularidades serem expostas sob a ótica de um pesquisador que não pediu autorização para realizar entrevistas ou para participar das experiências religiosas que poderiam servir aos seus objetivos de pesquisa. A autorização seria fundamental para evitar essas preocupações, incluindo o receio de sermos expostos de uma forma que não desejamos. A autorização assinada, também, cumpriria o papel de resguardar o investigador de uma eventual discordância posterior com os procedimentos da pesquisa previamente apresentados.

Caro leitor, você consegue se imaginar nessa situação? Você consegue se imaginar inserido em um campo de pesquisa dentro do qual você não aceitou previamente ser incluído por um pesquisador? Você se comportaria da mesma forma se soubesse preliminarmente que está sendo observado nos termos de uma pesquisa de campo?

Esses pensamentos atravessam esse texto, porque antes inquietam os sujeitos que fizeram parte de um experimento sem saberem onde este começou e onde terminou. Fomos informados apenas pelas redes sociais que o pesquisador realizava uma viagem de pesquisas quando na ocasião do encontro em nosso Terreiro.

O segundo ponto que me causa preocupação é justamente o do contato entre modos de vida, condutas religiosas, poéticas e políticas distintas no espaço do Terreiro de Umbandas no interior do Ceará. A preocupação emerge quando em circunstâncias religiosas no Terreiro as pessoas agem, pensam e falam despreocupadamente, tendo em vista que sob elas não pesa o fato de estarem participando de uma pesquisa, um experimento no qual o pesquisador externo ao Terreiro espera extrair diferenças que consolidem suas posições críticas.

Nenhum cearense em nossa casa imaginaria que o encontro arranjado com propósitos amigáveis poderia se constituir em um subterfúgio para entregar informações sobre nossas condutas religiosas a um pesquisador que não apresentou suas reais intenções.

Ninguém poderia supor que no dia seguinte ao encontro, o pesquisador, antes amigo, sumiria das vistas e apenas publicaria textos críticos nas redes sociais, expondo seu desgosto com a viagem de pesquisa e com as pessoas que julgava ter conhecido.

Em tais circunstâncias, a amizade parece já não ter valor diante da possibilidade de conseguir um achado de pesquisa ou de entender coisas ditas há dois anos e que somente no encontro conosco ganharia materialidade. O ego do pesquisador não pôde se submeter a uma relação de alteridade (GONÇALVES; HEAD, 2009) que considere o Outro como parte da pesquisa (suponhamos que aceitamos participar da pesquisa), como parte da revisão crítica a

que se propõe empreender. Nos textos publicados em seu Instagram, os Outros desapareceram, foram engolidos pelo conhecimento supostamente imparcial que o pesquisador pareceu extrair das situações das quais participou.

Em que isto é diferente do que atualmente se discute como extrativismo epistêmico nas críticas dos/as pensadores/as pós-coloniais e decoloniais (BARBOSA, 2019)?

Quando os Outros desaparecem e somente o conhecimento objetivado se torna central, então o extrativismo se opera. O apagamento do Outro ou sua submissão no texto a qualidade de agente indigesto, desprezível, transgressor da moral do pesquisador compromete a análise, de modo que este aquele só possa ser apresentado como um impostor.

Esse modo de escrever, no qual o nativo é dramatizado no texto como um agente equivocado, mesmo que esteja em seu ambiente familiar, acaba por impor a este Outro o lugar sempre precário na relação de poder com o investigador estranho ao Terreiro.

O pesquisador que mede o Outro por sua métrica moral, sem buscar apreender a realidade sob o ponto de vista do nativo com o qual partilha a experiência, busca anulá-lo na relação de alteridade. Esta relação de poder dará sempre a razão ao pesquisador, pois nesta operação discursiva o Outro surgirá apenas para marcar o lugar de poder do investigador, sendo imediatamente apagado no momento seguinte (FAVRET-SAADA, 2005).

Insisto que um único ritual de Umbanda em um Terreiro no interior do Ceará não oferece todas os aspectos necessários para que um pesquisador externo, vindo do sudeste do país, seja capaz de apreender as Umbandas cearenses. As aparências podem ser enganadoras. Desconfio que um pesquisador seja incapaz de captar a dinâmica de um Terreiro do interior do Ceará participando apenas de uma única gira, a ponto de fazer censuras e julgamentos contra aqueles que frequentam o espaço há mais de 20 anos ou contra Mãe Maria Toinha, uma Mãe de Santo negra com mais de 70 anos de prática nas Umbandas cearenses e que há apenas 3 anos começou a registrar suas narrativas como “escrevivências” (EVARISTO, 2017).

Por que Mãe Maria Toinha deveria se justificar diante de um homem branco, pesquisador saído de um Terreiro do sudeste brasileiro, sem ele ter apresentado sua intenção de fazer uma pesquisa na viagem para conhecê-la? Por que essa Mestra deveria fazer-se humilde diante deste homem branco, que se apresenta como professor universitário, ou diante de qualquer outra pessoa? Essa Mestra não tem direito ao seu lugar de nobreza e de prestígio como teria qualquer outra mãe no Sudeste ou em qualquer estado do Brasil, ainda mais dentro de seu Terreiro?

Para finalizar esse assunto, considero que uma pesquisa séria em um Terreiro de Umbandas do interior de Ceará não pode ser concluída tendo apenas uma noite como trabalho de campo, sob o risco de cometer injustiças e proferir críticas completamente descoladas da

realidade. Também não acredito que seja razoável empreender uma pesquisa comparativa entre experiências completamente distintas de Terreiros no interior do Ceará e no sudeste brasileiro tomando apenas a experiência de uma noite como o trabalho de campo. Não seria possível jamais confiar nas comparações realizadas em um estudo desta natureza.

Como pesquisador no campo das ciências sociais e praticante das Umbandas, não considero prudente realizar uma comparação da vivência do meu Terreiro no interior do Ceará com outros terreiros no Pará, Rio de Janeiro ou Rio Grande do Sul. Tais comparações e revelam insustentáveis até dentro do Ceará.

Rafael Haddock-Lobo (2020) afirma que cada Terreiro possui sua lógica própria e define seus fundamentos a partir do que diz o caboclo<sup>23</sup> que faz a gira<sup>24</sup> ali. Logo não seria coerente usar os fundamentos próprios de um Terreiro para apontar contradição, inconsistências, desvios de comportamento no centro de umbanda alheia no qual entro pela primeira vez como convidado a assistir o ritual.

Desta forma, compreendo o seguinte: os ordenamentos de determinado Terreiro são atribuídos para aquele espaço ritual e devem ser cumpridos dentro dele. Não é razoável tentar impô-los a outros centros de Umbandas, sobretudo, quando estes estão localizados em outro estado, com sua cultura própria e sua perspectiva singular de vivenciar o sagrado das Umbandas. Essa tentativa de transpor ordenamentos morais para realidades completamente diferentes pode ser interpretado como uma postura autoritária, não muito diferente do que ocorre em outros espaços religiosos que se colocam desta maneira, os quais denunciamos como fundamentalistas.

Portanto, se no seu Terreiro é adequado que uma criança molhe sua boca com bebida alcoólica, em outro espaço que se visita isso pode ser absolutamente proibido. E não pode haver discussão a respeito dessa questão, pois se trata de um preceito ou de uma conduta inalienável daquele centro de Umbandas. A discussão poderia revelar o conteúdo autoritário de uma imposição externa e o desrespeito do visitante ao modo de cultuar o sagrado próprio daquele espaço.

Se no seu Terreiro é obrigatório que todos consumam bebidas alcoólicas, em outro há que se respeitar a impossibilidade de alguém no espaço consumir esse tipo de bebida ou mesmo que alguma pessoa presente apenas manifeste uma recusa. A recusa não pode ser concebida necessariamente como uma ofensa ao Encantado que oferece a bebida (se oferecer),

---

<sup>23</sup> O Caboclo pode ser descrito como uma entidade presente nos cultos de Umbandas cearenses, geralmente associadas a cultura indígena. Pordeus Jr. (2011, p. 29) Reforça que o “caboclo/índio” consiste em uma identidade situacional associada a possibilidade de permanência de uma identidade indígena no jogo das relações culturais que permeiam o imaginário religioso das Umbandas cearenses.

<sup>24</sup> A Gira consiste no ritual religioso executado no Terreiro.

mas como uma expressão do livre arbítrio, amplamente respeitado pelos Mestres que giram na coroa de Mãe Maria Toinha<sup>25</sup>.

As orientações dos Encantados nas Umbandas cearenses que praticamos no interior jamais põem em xeque o livre arbítrio dos sujeitos, pelo contrário, há por parte deles um respeito à vontade e a possibilidade desse Outro aconselhado tomar suas próprias decisões, embora isso signifique recusar completamente o conselho recebido.

Outra coisa é a postura dos participantes da gira dentro do Terreiro. É inaceitável que alguém vindo de fora passe a criticar ou desprezar a conduta dos participantes de determinado centro de Umbandas e da gira que ocorre com base em seus preceitos morais ou em sua própria conduta dentro de seu terreiro no Sudeste. As condutas dos participantes são fruto de experiências anteriores, de consentimos outorgados pelos Chefes do Terreiro e pela Mãe de Santo que preside o ritual.

Logo, as posturas devem ser analisadas no contexto, sendo situadas no interior das relações que possuem uma história e uma duração. Se no seu Terreiro é proibido falar, comentar as situações enquanto elas acontecem, rir de certas palavras ditas pelos presentes, isso não significa que essas atitudes serão proibidas ou censuradas com autoritarismo em outros centros de Umbandas. Ao visitante não cabe impor regras de conduta moral, mas seguir aquilo que faz parte do código de conduta do Terreiro visitado.

É importante que o pesquisador que entra em um Terreiro que não é o seu, entenda que suas regras de conduta moral não se aplicam a todos os espaços, principalmente quando do ponto de vista dos nativos elas parecem limitar a capacidade criativa da Gira. Se estamos discutindo que o Terreiro é vivo, é criativo, não faz sentido que as pessoas se comportem, tão somente, como corpos sem criatividade, impedidos de falar, de rir, em outras palavras, de expressar reações ao que acontece.

Observe que os Encantados podem fazer suas reclamações e ponderações e que se isso ocorrer as pessoas mudam de postura. Entretanto, não é razoável que ao chegar para a sua primeira gira uma pessoa alheia ao Terreiro imponha aos nativos sua posição correta acerca do que deve ser o Terreiro e de como as pessoas devem experienciar a gira.

---

<sup>25</sup> Sobre isso considero importante resgatar os trabalhos de cura relatos por Mestre Maria Toinha em seu livro *A Mística dos Encantados* (2020). No capítulo “O trabalho contra a sombra”, Mãe Maria Toinha registra o trabalho realizado para livrar uma moça dos feitiços enviados contra ela por um rapaz com quem havia se envolvido afetivamente. Esse caso ilustra a supressão do livre arbítrio da moça, que ao ser perturbada por entidades perde o controle de suas faculdades mentais e passa a se mutilar ao mesmo tempo que ameaça a segurança dos familiares. As entidades são afastadas em trabalhos espirituais realizados no Terreiro do Mestre Antônio de Mel, com a participação efetiva de Mãe Maria Toinha, e a autonomia e a capacidade de discernimento da moça é restaurada. O livre arbítrio é apresentado nas narrativas de Mãe Maria Toinha como inalienável, de modo que ela se recusa a fazer certos tipos de trabalho que venham a interferir nesse lugar da experiência humana.

A gira deve ser concebida do ponto de vista dos presentes, os nativos da experiência. E a gira de Umbandas que conhecemos no interior do Ceará é movimento e criatividade. Ninguém fica parado. As pessoas sentem, cantam, falam, giram com os Encantados e expressam seus sentimentos. Elas têm o direito de falar, tendo em vista que os fundamentos de seu culto não as proíbem de se expressarem enquanto a gira acontece.

Por conseguinte, os fundamentos dos Templos afro-religiosos diferem em todo o Brasil, sobretudo, quando se está girando nas Umbandas no interior do Ceará. Cabe ao visitante respeitar as singularidades das condutas, sem julgá-las a partir de seus ordenamentos morais ou das suas pretensões de controle.

Ao pesquisador alheio aos rituais deve equacionar o seu trabalho para esforçar-se de maneira que consiga apreender a lógica própria do Terreiro e respeitar as singularidades das pessoas com as quais aceitou se envolver.

Cabe ao pesquisador que vem de longe despir-se de suas intenções racionalizadoras e entrar desarmado na dinâmica que ocorre no centro de Umbandas cearenses, para então ser capaz de fazer observações generosas e respeitadas ao invés de ofensivas. As coisas não funcionam sob a lógica da imposição e do autoritarismo de quem vem de fora do Terreiro, pois não é sob esta ótica que as Umbandas do interior do Ceará giram, especialmente aquelas das quais se alimenta Mãe Maria Toinha.

Outra coisa é o desrespeito com a Mãe Maria Toinha, aos seus 86 anos, depois de ter dedicado mais de 70 anos as Umbandas que se vive e se pratica no interior do Ceará pelo povo simples. Mãe Maria Toinha tem o direito de fazer críticas, de operar correções, quando em um Terreiro em que é reconhecida como Mãe de Santo pelos que lhe recebem e lhe autorizam.

Isso não dá o direito de um pesquisador externo, sem autorização para pesquisar, escrever um texto sugerindo que Mãe Maria Toinha “por vaidade esteja perdida em sua própria sombra” ou que seja vítima da “síndrome de Estocolmo”, o que levaria o sujeito a assumir a postura dos dominadores, dos agressores.

Na verdade, esse texto publicado constitui uma ofensa ao sagrado e ao trabalho de Mestre Maria Toinha, como se o pesquisador que escreveu desejasse expor a falta de humildade e dignidade da Mãe de Santo para a posição que reivindica.

Sugiro que o referido texto assinala um interesse em desacreditizar e excluir a Mãe de Santo das narrativas do sagrado das Umbandas em Canaan, como se o pesquisador por ter chegado ao local pudesse falar sozinho desde ali. O pesquisador despreza e elimina quem lhe abriu as portas para os Encantamentos das Umbandas do interior do Ceará, ocultando, também, em seus textos as referências as leituras de A Mística dos Encantados (2020),

Caminhos Encantados (2021) e Lavagem Encantada (2022), além de seu acesso as várias horas de áudio gravadas com Mãe Maria Toinha.

No fim das contas, o texto publicado pelo pesquisador constitui uma violação, por ter sido escrito como parte de uma pesquisa da qual ninguém aceitou participar, assim como uma agressão contra uma mulher negra que possui uma trajetória social marcada pelo racismo religioso, pelo apagamento e pela violência de gênero em sua comunidade. Esse texto constitui uma agressão que atualiza a violência contra a Mestra Maria Toinha.

### **Alguns apontamentos no curso dos acontecimentos**

Resta deste assunto importante muitas considerações, as quais não desejo esgotar nesse texto. Pretendo, entretanto, notabilizar alguns apontamentos críticos na intenção de que atravessem os leitores, inspirando-os a escreverem sobre suas experiências de pesquisa no Terreiro, seja na condição de pesquisador ou de pesquisado, iniciado ou não.

Penso que devemos ter o máximo de cautela com as pessoas para as quais abrimos nossos Terreiros, sejam eles feitos de histórias sejam eles os espaços religiosos que nos reunimos para cultivar encantamentos. A Gira como invenção não está sempre ao alcance da compreensão de todos, de modo que precisamos ter a prudência necessária para preservar as nossas singularidades dos olhares curiosos que desejam desmontar nossas narrativas religiosas como menos autênticas do que outras.

É indispensável ter o cuidado de perguntar a quem se oferece para nos visitar qual as reais intenções da entrada em nosso Terreiro. O questionamento é legítimo e deve ser realizado com a intenção de preservar a intimidade de nossos espaços rituais, além de resguardá-los de uma eventual pesquisa com a qual não concordamos participar.

Considero que o conhecimento sobre nossas práticas religiosas nas Umbandas cearenses não deve ser construído com o recurso a subterfúgios que enganam sacerdotes e praticantes que aceitam interagir de boa-fé com pesquisadores. As intenções de pesquisa devem ser expostas para que, uma vez cientes, as pessoas de Terreiro decidam se desejam expor suas subjetividades, bem como os espaços religiosos de seus cultos.

Nossas portas não devem se abrir para pessoas que não revelam suas verdadeiras intenções ou para pesquisadores que já saem de sua casa com objetivos que não podem se dobrar aos acontecimentos e as relações de afetação com as pessoas com as quais se interage nos Terreiros. Esses pesquisadores possuem uma capacidade de compreender formatada, a qual estará imune ao sentimento que perpassa as relações do campo.

Para finalizar, registro que escrevi esse texto ainda no curso dos acontecimentos, portanto, pode ser que algo se altere e eu venha a publicar um texto posterior esclarecendo alguma questão que não foi suficientemente tratada.

## Referências

BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. **“Não extrativismo” epistêmico: desafios à investigação científica crítica**. Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia. Niterói – RJ, n 44, p. 229-255/ jan-jun 2019.

BARROS, Daniel Ítalo Alencar, GOMES, Melina Souza. **“Me bote uma dose no copo, acenda uma vela e me faça oração”**: os pontos cantados na umbanda e seus ensinamentos. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 3., n. 1., Jun. 2014, p. 51-72.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

GONÇALVES, Marco Antônio.; HEAD, Scoot. Confabulações da alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In: GONÇALVES, Marco Antônio; HEAD, Scoot. (Orgs.). **Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

GONDIM, Juliana. Monteiro. **“Não tem caminho que eu não ande e bem tem mal que eu não cure”**: narrativas e práticas rituais das Pajés Tremembés. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). UFC, 2010.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Com os pés na macaia. In: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: Uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Memórias ancestrais e filosofias africanas forjando caminhos para uma educação afroreferenciada**. Práxis Educativa. Ponta Grossa, v. 17, ed. 2219478, p. 1-15, 2022.

Martins, Júlia Ritez; Bairrão, José Francisco Miguel Henriques. **Psicanálise e Encantaria: a enunciação insurgente**. Memorandum: memória e história em psicologia, v. 21, p. 208–216, 2011.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Em torno de um pensamento enterreirado**. Revista Cult. São Paulo, Ano 24, ed. 271, p. 21-22, jul 2021.

PORDEUS JR., Ismael. **Umbanda: Ceará em transe**. Fortaleza: Expressão gráfica e Editora, 2011.

TOINHA, Maria; ANDRADE, Marcos. **A mística dos encantados**. Ourinhos/SP, Editora Edições e Publicações, 2020.

\_\_\_\_\_. **Caminhos encantados**. Ourinhos/SP, Editora Edições e Publicações, 2021.

\_\_\_\_\_. **Lavagem Encantada**. Ourinhos/SP, Editora Edições e Publicações, 2022.

SILVA, Érica Quinaglia; LIONÇO, Tatiana. **Cuidados éticos na pesquisa social:** entre normas e reflexões críticas. *Amazônica – Revista de Antropologia*. Belém – PA, v. 10, n. 2, p. 588-609, dez 2018.

#### **SOBRE O AUTOR:**

##### **Marcos Andrade Alves dos Santos**

Doutorando em Sociologia (PPGS/UFC). Mestre em Sociologia (PPGS/UECE). Licenciado em Sociologia (FAVENI). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFC). Pesquisador do Projeto de Pesquisa e Extensão: Poéticas Orais e Pensamento Decolonial: Perspectivas Teóricas e Metodológicas, vinculado a Red Iberoamericana de Estudios sobre Materiales Orales e ao Laboratório Nacional de Materiales Orales (LANMO/UNAM). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Saúde, Gênero, Trabalho e Meio Ambiente, coordenado pela Professora Lore Fortes (CNPQ/PPGCS/UFRN). Coordena o Projeto Literário A Mística dos Encantados, através do qual foram publicados os livros *A Mística dos Encantados* (2020), *Caminhos Encantados* (2021) e *Lavagem Encantada* (2022), escritos por Maria Toinha e por mim.

E-MAIL: [marcos.andrade@alu.ufc.br](mailto:marcos.andrade@alu.ufc.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4006-6851>

Recebido: 21/08/2022

Aprovado: 17/10/2022